



>> GEOGRAFIA E HISTÓRIA

http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.ciadaescola.com.br/zoom/imgs/320/image001.jpg&imgrefurl=http://www.ciadaescola.com.br/zoom/imprimir_materia.asp%3Fmateria%3D268&usq=9tGjrc_jWQ7DtBQG5XmYQeLZKiE=&h=396&w=269&sz=26&hl=pt-BR&start=0&zoom=1&tbnid=TdHFOonm8wDzDM:&tbnh=126&tbnw=85&ei=loQfTo7ELK6v0AHhqtWbAw&prev=/search%3Fq%3Dseculo%2B17%26um%3D1%26hl%3Dpt-BR%26client%3Dfirefox-a%26sa%3DN%26rls%3Dorg.mozilla:pt-BR:official%26biw%3D1366%26bih%3D581%26tbnid%3Dsch&um=1&itbs=1&iact=hc&vpx=445&vpy=202&dur=344&hovh=272&hovw=185&tx=29&ty=164&page=1&ndsp=24&ved=1t:429,r:18,s:0&biw=1366&bih=581



GALILEU, KEPLER E BACON: “ESTRELAS” DOS NOSSOS LIVROS E APOSTILAS DISCUTINDO A INFLUÊNCIA DAS ESTRELAS NO SÉCULO XVII

Por Juliana Mesquita Hidalgo Ferreira Atualizado em 5/31/2005



Relembrando “O papel da astrologia no século XVII”

Num artigo de uma das últimas edições do Zoom tratei de como a astrologia fazia parte do cotidiano das pessoas do século XVII.



Havia quem debochasse da astrologia e negasse a capacidade de fazer previsões, especialmente no que dizia respeito a eventos humanos. Mas, também, havia quem se dedicasse com afincio e seriedade a estudar como fazê-las.



O astrólogo observa o momento exato do nascimento de uma criança para estabelecer seu mapa astrológico

Muita gente acreditava nas previsões astrológicas, consultava astrólogos para tomar decisões da vida cotidiana e recorria aos almanaques astrológicos para saber como ficaria o tempo em determinado dia, ou mesmo para saber quando era aconselhável tomar um preparado de ervas indicado para alguma doença.

A astrologia e as pessoas cultas

Como vimos, quanto à astrologia, isto é, ao *estudo* de influências astrológicas, as opiniões variavam muito. Pode-se dizer, no entanto, que a *existência* de algum tipo de influência astrológica fazia parte do aspecto de mundo aceito inclusive pelas pessoas mais cultas. Se era possível ou não estudar essas influências, e fazer previsões isso já era outra coisa...



Francis Bacon

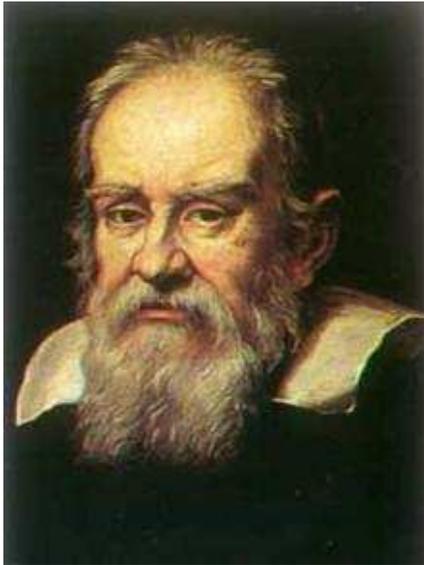
É interessante notarmos (e não muita gente sabe disso) que muitos daqueles que sempre estão presentes nas nossas apostilas e livros da escola se dedicaram com seriedade a debater o assunto “astrologia”.

Surpreendente? Nada disso ...

Essas pessoas viviam num ambiente em que a existência de influências astrológicas fazia parte da concepção de mundo em que eram educadas as pessoas cultas, e isso nada tinha de esotérico. O assunto “astrologia” motivava fervorosas discussões. E é por isso, por exemplo, que vemos Galileu Galilei e Johannes Kepler debatendo sobre as conseqüências para a astrologia da descoberta de quatro satélites de Júpiter.

Galileu, Kepler e Bacon

O filósofo Francis Bacon (1561-1626) aceitava não só a existência de influências celestes nos fenômenos terrestres, como também a possibilidade de estudá-las. Bacon criticou alguns aspectos da astrologia, e indicou aperfeiçoamentos que esse tipo de estudo deveria sofrer. Estabeleceu princípios para o estudo das influências astrológicas e sugeriu que fossem verificadas as condições do céu para momentos marcantes da história da humanidade. Teriam esses momentos coincidido com a ocorrência de conjunções, eclipses ou com a passagem de cometas?



Galileu Galilei

Johannes Kepler (1571-1630), um dos mais importantes personagens da “revolução copernicana”, dedicava-se à astrologia e propôs algumas modificações de suas técnicas. Kepler acreditava que nas ocasiões em que os planetas formavam no céu algumas figuras geométricas específicas, os chamados “aspectos astrológicos” (conjunções, oposições, quadraturas etc.), suas influências causavam efeitos na Terra. Nessas situações especiais era como se uma espécie de música fosse tocada à qual a Terra respondia como um dançarino.

Em 1610, Kepler comentou sobre a repercussão para a astrologia da descoberta de quatro satélites de Júpiter, num diálogo com Galileu Galilei (1564-1642), o próprio autor daquela proeza. A questão causou certa inquietação a Kepler e levou-o a profunda meditação.



Johannes Kepler

O astrônomo julgava que Deus nada havia criado em vão. Os satélites de Júpiter, como parte da criação divina, deveriam ser benéficos a alguém. Mas como, “se não há alguém sobre o globo de Júpiter para se dar conta com seus olhos desta admirável variedade?” – se indagava Kepler.

Como os satélites de Júpiter não podiam ser observados a olho nu, então, a função de servir-nos como maravilha para contemplação não lhes cabia. Se essa não era, portanto, a incumbência divina desses quatro satélites de Júpiter observados por Galileu, que papel lhes cabia no universo?

Só parecia restar a Kepler a opção de considerá-los como fonte de influências astrológicas. E foi o que ele fez.

Mas se a astrologia nunca havia levado em conta essas influências, a descoberta dos satélites podia acarretar problemas a essa área ... Seria possível dizer que as influências dos satélites de Júpiter já eram normalmente computadas, mesmo que não se soubesse anteriormente da existência particular de cada um deles? Era possível alegar que o que teríamos até então era não o efeito de Júpiter, mas sim do conjunto “Júpiter+satélites”?

O que significaria se Júpiter tivesse sua influência alterada

de acordo com a influência dos seus satélites, fossem elas no sentido de reforçar ou diminuir a influência original? Júpiter isolado poderia ter um significado diferente de Júpiter e seu conjunto de satélites ...

Kepler apresentou suas considerações a Galileu. Considerava sim que a função dos satélites de Júpiter deveria ser emitir influências astrológicas, mas não via isso como um abalo para a astrologia. A explicação de Kepler era baseada justamente no fato de conceber que os astros somente agiriam sobre a Terra “por aspectos”.

Como vistos da Terra os satélites estão sempre muito próximos de Júpiter, então, eles não podiam modificar os aspectos do planeta com a Terra. Influências individuais desses satélites sobre a Terra seriam desprezíveis. Os satélites de Júpiter só deveriam ser astrológicamente importantes para os próprios habitantes do planeta Júpiter.

E foi assim que Kepler respondeu a um Galileu bastante avesso à astrologia...



Livro no qual Kepler apresenta sua discussão com Galileu

Por que estudar essas questões?

O historiador procura discutir as questões dentro do seu próprio contexto. Nada de dizer que as pessoas do século XVII eram ignorantes, supersticiosas e não tinham recursos tecnológicos e, por isso, a astrologia tinha um papel tão importante em suas vidas...

A questão é muito diferente e muito mais ampla do que isso. Num artigo anterior do *Zoom* procurei mostrar como a astrologia fazia parte do cotidiano das pessoas comuns do século XVII. Agora vemos que as “estrelas” da ciência do século XVII também se preocupavam e muito com o assunto “astrologia”. Essas pessoas não podem ser extraídas daquele contexto. Eram homens do seu tempo, e não, como se costuma erroneamente dizer “pessoas à frente do seu tempo”. Ninguém o é.

Além disso, quando (o que é raro) vemos alguém falar sobre os estudos dessas “pessoas especiais” sobre astrologia ou alquimia, por exemplo, o que geralmente ocorre é que essas pesquisas são tratadas como facetas esotéricas desses personagens. Isso também não é bem assim. Não há um Kepler que tratava de astrologia e outro que tratava de astronomia. Tudo isso é um único Kepler e um único trabalho...

Para saber mais?

http://astrologia.com.sapo.pt/historia_da_astrol.htm - Artigo sobre História da Astrologia no Ocidente.

<http://astro.if.ufrgs.br/bib/bibkepler.htm> - Biografias de Kepler e Galileu.

<http://www.myastronomybook.com/history-of-astrology-from-astrology-book.htm> - Diversos *links* para História da Astrologia. Em inglês.

<http://www.renaissanceastrology.com/astrologyinrenaissancemain.html> - A Astrologia no Renascimento. Em inglês.

Como aplicar esta matéria em sala de aula

Os artigos da historiadora da ciência Juliana Hidalgo Ferreira em edições passadas foram amplamente debatidos pelos nossos leitores. Fugindo das concepções tradicionais da História, a autora nos mostra neste artigo sobre a astrologia do século XVII como a ciência sempre foi importante e atuante na vida cotidiana das pessoas. O artigo pode servir para ótimo estudo interdisciplinar, principalmente se o docente estiver

analisando o período renascentista e a revolução científica do período.

© Companhia da Escola - Todos os direitos reservados - Proibida cópia ou reprodução sem autorização formal.